

## Normatividades no futebol e as torcidas organizadas antifascistas de Porto Alegre<sup>1</sup>

Alison Rodrigues SOARES<sup>2</sup>  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

### RESUMO

No seguinte artigo mostra-se a comunicação das torcidas organizadas antifascistas de futebol porto-alegrenses, Coluna Vermelha e Tribuna 77, feita na plataforma de rede social Instagram. Essas torcidas, que levam ao futebol a militância antifascista, buscam publicar contestações à norma vigente na sociedade (FOUCAULT, 1988) e no microcosmos em que elas se encontram que é masculina, branca, heterossexual e cisgênera. Para isso, as publicações trazem conteúdos que incentivam a presença da mulher no esporte, o antirracismo, a antiLGBTfobia e a decolonização que é parte importante das opressões na realidade latino-americana.

**PALAVRAS-CHAVE:** antifascismo; torcidas organizadas; norma; fascismo, decolonização.

### 1. AS TORCIDAS ORGANIZADAS E O COMBATE AO FASCISMO

Desde as grandes manifestações de 2013 no Brasil há uma instabilidade política e efeitos colaterais disso são movimentos de extrema-direita como o *bolsonarismo* – evidentemente que o contexto é mais amplo, mas o crescimento do neofascismo é notório. No mesmo tempo histórico, que inclui a contemporaneidade, os movimentos antifascistas e LGBT+ crescem em resistência ao fascismo e conservadorismo representados pela direita *bolsonarista* e há uma representação disso no futebol que são as torcidas organizadas antifascistas. O ambiente futebolístico é conservador, em suas tradições e nos seus pertencimentos, e privilegia uma norma específica de pessoas – que não se descola da norma privilegiada de maneira geral na sociedade ocidental e latino-americana (FOUCAULT, 1988).

A associação do *bolsonarismo* com o neofascismo não é livre e tampouco advém de aproximação ideológica. Pesquisadores e filósofos apresentam elementos que mostram semelhanças importantes entre o funcionamento de um fascismo “clássico”, o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Curso de Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, e-mail: [alisonrodrigues@hotmail.com.br](mailto:alisonrodrigues@hotmail.com.br).

---

neofascismo – que é ligado às conjunturas do século XXI – e um fascismo como ideia, ou seja, que ronda o fazer político de movimentos radicalizados à direita ao longo da história que vem depois de Mussolini e Hitler (ECO, 2020). O cientista político Robert Paxton se aproximou e buscou uma “anatomia do fascismo” (2007) que permitiu uma definição do que são os movimentos fascistas:

“O fascismo no poder consiste num composto, um amálgama poderoso dos ingredientes distintos, mas combináveis, do conservadorismo, do nacionalismo, do nacional-socialismo e da direita radical, unidos por inimigos em comum e pela mesma paixão pela regeneração, energização e purificação da Nação, qualquer que seja o preço a ser pago em termos nas instituições livres e do estado de direito. As proporções exatas dessa mistura resultam de processos tais como escolhas, alianças, compromissos e rivalidades. O fascismo em ação se assemelha muito mais a uma rede de relações que a uma essência fixa.” (PAXTON, 2007, p.336)

Umberto Eco, em sua obra que trata a ideologia fascista que perpassa os movimentos extremistas – chamada por ele de “fascismo eterno” ou “ur-fascismo” –, destaca quatorze características do fascismo como ideia; independente do contexto em que os fascistas estão presentes, quando apresentam essas características podem ser considerados fascistas mesmo que por aproximação. Essas características são, grosso modo<sup>3</sup>: culto da tradição, tradicionalismo que nega a modernidade, ação que é impulsionada pela recusa da reflexão, não permitir discordância ao sincretismo fascista, contrariedade à diversidade, origem da frustração social ou individual, identidade nacional que conspira contra o estrangeiro – xenofobia –, tratar o inimigo ao mesmo tempo como forte e fraco – da ameaça à deslegitimação –, a vida como uma guerra permanente, o elitismo, educação para moldar um “herói fascista”, moralismo sexual, tentativa de criação do indivíduo e da pátria ur-fascista – convém à narrativa do “cidadão de bem – e uma linguagem limitante que dificulta o raciocínio crítico. Essas características, listadas por Eco, são às vezes contraditórias entre si e não buscam uma definição limitante do que é o movimento fascista, mas “é suficiente que uma delas se apresente para fazer com que se forme uma nebulosa fascista” (ECO, 2020, p. 44).

---

<sup>3</sup> O autor se propõe a listar as características da ideologia fascista, mas essa listagem específica apresentada aqui é uma tentativa didática própria para explicar quais são as características do ur-fascismo.

Eco salienta que é um erro embasar as organizações fascistas em uma descrição limitante, pois, o fascismo muda dependendo de onde é/está instalado. “O termo “fascismo” adapta-se a tudo porque é possível eliminar de um regime fascista um ou mais aspectos e ele continuará sempre a ser reconhecido como fascista” (p. 42 e 43). Nos diferentes fascismos se apresentam semelhanças, mas sempre existem particularidades:

“Tirem do fascismo o imperialismo e teremos Franco ou Salazar; tirem o colonialismo e teremos o fascismo balcânico. Acrescentem ao fascismo italiano um anticapitalismo radical (que nunca fascinou Mussolini) e teremos Ezra Pound. Acrescentem o culto da mitologia celta e o misticismo do Graal (completamente estranho ao fascismo oficial) e teremos um dos mais respeitados gurus fascistas, Julius Evola.” (ECO, 2020, p.43)

Do moralismo sexual, passando pela xenofobia e pela maneira bélica de tratar as discordâncias políticas – representado pelo “fantasma do comunismo” – o *bolsonarismo* se apresenta de maneira incisiva na ocupação à extrema-direita do espectro político nacional, portanto, os antifascistas brasileiros necessariamente combatem o *bolsonarismo*. Uma das principais características dessa organização política, que tem no antifascismo um adversário, é o conservadorismo marcado pela norma heterossexual, masculina, branca e cisgênera; os antifascistas das arquibancadas marcam sua comunicação – atualmente excluída das arquibancadas pela conjuntura pandêmica – como antimachista, antirrascista e antiLGBTfobica. Em uma especificidade futebolística, há presente nas torcidas estudadas aqui – a Tribuna 77 e a Coluna Vermelha, torcidas antifascistas de Grêmio e Internacional – uma resistência à outra normatividade: a eurocêntrica, que perpassa pelos “padrões FIFA”. Na presente aproximação se mostra como a plataforma de rede social Instagram é utilizada para promover discursos a favor da diversidade do futebol que, para esses militantes, tem o dever de fugir da norma.

## **2. A NORMA NO FUTEBOL: MASCULINA, HETEROSSEXUAL, BRANCA, CISGÊNERO E EUROPEIZADAS**

Como citado anteriormente, o futebol tem uma norma masculina, heterossexual, branca e cisgênero; essa norma foi observada por Michel Foucault (1988) quando tratou sobre a história da sexualidade e essa normatividade é vista nos últimos séculos nas sociedades que têm influência da “civilização europeia”; em locais, como o Brasil e o restante da América Latina, que foram colonizados por países europeus, há uma clara

---

influência dessa norma – inclusive, é válido pensar que a norma também é europeia, visto que em construções sociais e epistemológicas existe a tendência de se procurar pelo “norte global” (SANTOS, 2004). Por mais que dogmas religiosos façam crer, à população de maneira geral, que essas normas são naturais e que “sempre foi assim”, isso não é factual; citando o exemplo do Reino Unido da era Vitoriana, Foucault mostra que as normas de gênero e sexualidade são aspectos de construção social que envolvem ações de poder impostos por agentes de controle como o Estado<sup>4</sup>:

“[...] A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá esse *status* e deverá pagar as sanções.”. (FOUCAULT, 1988, p.8 e 9)

Foucault apresenta que quem não faz parte dessa suposta decência normativa está constantemente levado à margem. Tanto pela violência quanto pela invisibilidade – forçada ou não – os que não se encaixam no esperado são ameaçados na sua existência:

“[...] o que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deve existir e à menor manifestação fá-lo-ão desaparecer – seja atos ou palavras.”. (FOUCAULT, 1988, p.9)

Essa norma se aplica ao futebol e a resistência necessária para os que não se encaixam a isso vem, no caso dos adeptos do futebol, das torcidas organizadas. No contexto geral elas apresentam formas de incluir pessoas marginalizadas nos estádios em tempo de gentrificação dos estádios de futebol; nas especificidades de corpo, etnia, gênero e sexualidade, as torcidas organizadas antifascistas apresentam especial preocupação: na

---

<sup>4</sup> Os Estados Nacionais são relevantes no controle normativo *foucaultiano*, mas poderes de diversos níveis de convivência – até de relações familiares – são consideráveis para a manutenção da estratégia normativa. No entanto, é fundamental a legitimação do Estado para que a norma se estabilize.

---

sua comunicação apresentam ação direta para discutir e tentar mudar a realidade violenta que as pessoas fora da norma vivem.

### 3. AS FUGAS DA NORMA E A COMUNICAÇÃO DAS TORCIDAS ANTIFASCISTAS

As torcidas antifascistas porto-alegrenses apresentam sua militância de maneira incisiva nas plataformas de redes sociais. A militância LGBT+, antirracista, feminista e descolonial<sup>5</sup> são marcantes e trazem a identificação de pessoas que têm essas lutas como razão de vida; o próprio clube de futebol é uma identidade importante na vida do cidadão brasileiro – mesmo quem não gosta de futebol se implica nisso – e os pertencimentos identitários idem; como DaMatta já mostrara (1982), o futebol é um marcador cultural relevante no Brasil e conflitos sociais se encontram nesse “microcosmos”. A nível de exemplo, se listam algumas imagens de publicações que essas torcidas fizeram em defesa destas causas. É notório que esse é um recorte limitado do vasto número de conteúdos publicados pelas torcidas Tribuna 77 e Coluna Vermelha, mas vale como uma amostra de como essas organizações de torcedores lidam com as militâncias, se apropriam delas e incluem seu fazer torcedor – e os seus clubes – nelas. Ambas as torcidas apresentam postagens sobre todos os assuntos abordados abaixo, mas por uma questão limitante de um artigo sucinto se colocarão exemplos específicos com respectivas imagens – que auxiliam ao debate sobre a semântica textual e imagética das postagens, que seguem um padrão.

Em uma publicação do dia 17 de junho de 2020 (figura 1) a torcedora transgênero Luiza Eduarda é trazida ao protagonismo em uma publicação da torcida Tribuna 77. Para rebater os ataques advindos do Executivo Federal que tentam rotular os movimentos antifascistas como terroristas, Luiza traz diversidade: além de argumentar, em vídeo, como o antifascismo é justamente uma antítese aos autoritarismos de estado que promovem, aí sim, terrorismo, a presença de Luiza por si só demonstra como as torcidas antifascistas são um ambiente de respeito ao próximo em que pessoas trans não precisam esconder-se em sua identidade de gênero. A bandeira trans, com o logotipo da torcida, é

---

<sup>5</sup> Quando se trata o descolonial, com “s”, se fala sobre a militância que busca uma descentralização de organizações concretas ao interesse imperialista. O decolonial, sem o “s” e que aparece ao longo do texto, trata sobre isso no campo das ideias, ou seja, uma reflexão e uma questão epistemológica da descolonização.

mais um símbolo de como essas pessoas são bem-vindas dentro dessa organização – diferentemente da norma que é violenta a todos que não são cisgêneros.

**Figura 1 - Captura de tela do Instagram da Tribuna 77 em protesto a tentativa de taxação de antifascistas como terroristas**

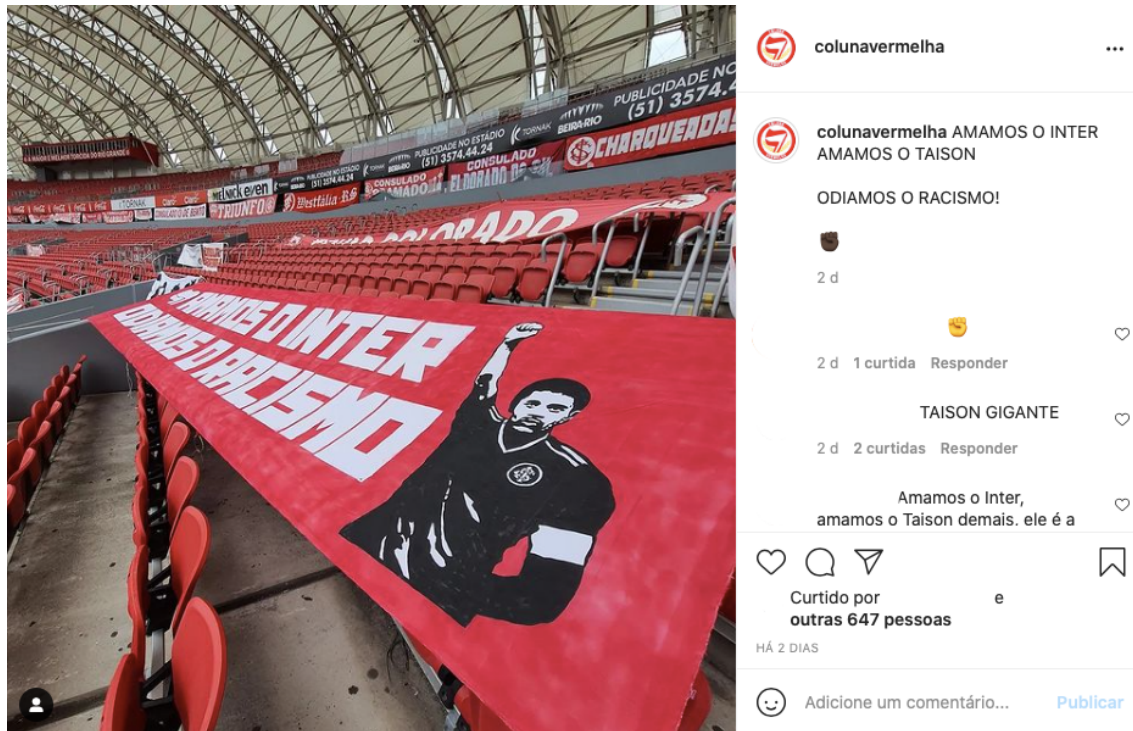


Fonte: Instagram (2020)

No dia 9 de agosto de 2021 a torcida Coluna Vermelha publicou uma fotografia de uma faixa com a imagem do jogador Taison com a mensagem antirracista “amamos o Inter, odiamos o racismo” (figura 2). Uma faixa em um estádio fechado perde seu poder de comunicação, mas transmitida ao Instagram traz dois significados: em primeiro lugar, revela-se que, mesmo sem presença física, a torcida antifascista está presente o mais perto possível do clube – da única maneira possível que é com as faixas – e, em segundo lugar, mostra apoio a um atleta que está dentro de campo e o associa ao antirracismo, ou seja, mostra que por meio do simbolismo trazido por Taison nas comemorações de gol – o

punho erguido e a relevância de um protagonismo negro – há uma representatividade de torcedores antifascistas dentro de campo.

**Figura 2 - Captura de tela do Instagram da torcida Coluna Vermelha com sua faixa no Beira-Rio com mensagem antirracista e imagem de Taison**



Fonte: Instagram (2021)

No dia 5 de julho de 2021 os antifascistas colorados trazem apoio ao futebol feminino. No processo tardio da profissionalização de mulheres no futebol é recente o advento dos campeonatos de base; e a torcida colorada traz ao conhecimento de quem os segue que o Internacional está tendo bons resultados no Campeonato Brasileiro feminino sub-16. No corpo do texto as tratam como “nossas guerreiras” (figura 3), valorizam o esforço da equipe e a campanha que as levou ao vice-campeonato. Incentivar a ocupação das mulheres dentro do campo, mostrando como projetos de futebol feminino podem ser promissores e representar o clube, traz uma potencialidade de igualdade relevante. Não são os homens os únicos detentores do que o clube representa; as mulheres de igual forma representam a “alma do clube” e essa igualdade de tratamento não só é recente como é uma possibilidade relevante a ser levada em consideração em torcidas de futebol, visto que, o que une as pessoas, primordialmente, são as cores da equipe preferida e não a modalidade em si – ou seja, tanto faz para a Coluna Vermelha se são homens ou mulheres em campo; todos e todas têm valor e merecem respeito.

Figura 3 - Captura de tela do Instagram da torcida Coluna Vermelha com publicação em apoio à base do futebol feminino do Internacional



Fonte: Instagram (2021)

Em 9 de agosto de 2020 os gremistas antifascistas comemoram e rememoram o dia dos povos indígenas. Com a bandeira Wiphala, pertencente aos povos indígenas andinos, a Tribuna 77 estampa seu logotipo e a frase “ama o Grêmio, respeita os povos indígenas” (figura 4). Nessa publicação, os torcedores emergem a importância dos povos indígenas que normalmente não estão presentes no ambiente futebolístico, mas fazem parte da cultura brasileira; assim como o futebol, a igreja e o trabalho (DAMATTA, 1982, p. 23), as sabedorias indígenas permeiam nossa cultura, são relevantes e costumeiramente violentadas na história do Brasil. A *postagem* denuncia justamente o descaso do estado brasileiro aos povos indígenas; denunciam o descaso em relação às centenas de mortes e aos milhares de casos dentro das comunidades originárias do país – que é tratado como uma interface do genocídio que esses povos enfrentam desde a colonização portuguesa. Uma torcida de futebol se preocupar com essas questões é uma quebra de paradigma e mais uma amostra de como esses torcedores se apresentam como uma organização que busca trazer pluralidade de ideias ao futebol que tem como característica a norma masculina, branca, heterossexual e cisgênera.



Figura 4 - Captura de tela do Instagram da torcida Tribuna 77 lembrando o dia dos povos indígenas



Fonte: Instagram (2020)

#### 4. CONSIDERAÇÕES SOBRE A DIVERSIDADE NO FUTEBOL

O movimento antifascista é amplo, encontra no futebol um espaço importante pela especial conjuntura conservadora e nessa amplitude as torcidas antifascistas conversam com outras organizações sociais presentes nessa luta que vêm em prol da manutenção da democracia e é antítese ao *bolsonarismo*. Há potencialidade nesse movimento de torcedores em fazer do futebol um lugar mais democrático; quando se resiste à norma e se convida ao ambiente futebolístico a mulher, a pessoa LGBTQ+, a pessoa negra, e quando se reafirma o futebol como um espaço de reivindicação descolonial, se faz com que toda a norma presente do futebol seja contestada: por que mulheres devem ser hostilizadas e não merecem apoio na sua modalidade de prática do futebol? Por que as pessoas LGBTQs devem ser diminuídas e os termos como “veado” devem ser utilizados contra os adversários? Por que as pessoas negras podem ser ofendidas como “macaco” nas arquibancadas sem nenhuma punição legal? Por que o padrão do futebol sul-americano deve seguir um modelo europeu que muito pouco considera as demandas culturais do futebol local? Todas essas questões estão emergidas a partir do momento que essas pessoas se destacam como relevantes num ambiente que normalmente são invisibilizadas.

Para o avanço do futebol brasileiro, que no presente momento está enfraquecido financeiramente e competitivamente pensando a nível global, é necessário que a diversidade esteja presente. Clubes e Ligas ao redor do mundo estão notando a necessidade de incluir as mais diversas pessoas e ideias – dentro dos limites democráticos

e de boa convivência – e propõe campanhas como o *Black Lives Matter*<sup>6</sup> que apresenta ligação direta à luta antirracista ao redor do mundo que se uniu após o assassinato de George Floyd promovido com requintes de crueldades por um policial estadunidense. A diversidade, como modo de ação, entra como práxis das torcidas antifascistas; e há potencialidade de avanço se for levada a outros espaços do futebol como as direções dos clubes e/ou das federações/confederações estaduais, nacionais e continentais.

À nível sul-americano é necessário pensar nossas demandas com um viés diferente do europeu. Coincidentemente ou não, o futebol local está em decadência ao mesmo tempo que adota fazeres de moldes europeus para organizar os campeonatos e nisso se perde, na visão cultural e mercadológica, nuances únicas do nosso mercado: o futebol latino-americano tem na paixão das pessoas humildes umas das maiores motrizes que fazem os clubes daqui serem de massa; na especificidade brasileira vemos uma oportunidade única no mundo de criar um campeonato com um grande número de clubes tradicionais, mas, com um formato de pontos corridos com apenas 20 equipes, quem está fora do eixo Rio-SP-RS-MG tem grandes dificuldades de se manter na elite – e se vê uma tendência cada vez maior desse formato tornar o futebol brasileiro cada vez mais polarizado em menos clubes hegemônicos. Isso poderia ser refeito e novas fórmulas mais democráticas de Campeonato Brasileiro poderiam ser pensadas caso o pensamento decolonial fosse uma práxis. Como alerta Maldonado sobre a conjuntura geral, mas que entra na especificidade do futebol:

“É um fato histórico, reconhecido pela maioria de vertentes políticas, que a realidade da América Latina é distinta à realidade dos berços da democracia liberal europeia e norte-americana; apesar disso, em reflexões de empirismo abstrato paradigmático tem se ensaiado, de modo repetido e fracassado, a aplicação de modelos próprios de outras configurações socioculturais, o que provoca defasagens graves entre a realidade discursiva, normativa e simbólica, e a realidade socioeconômica, política e cultural.” (MALDONADO, 2015, p.717)

Para as problemáticas existenciais dos torcedores as organizadas antifascistas apresentam alternativas *antinormativas* e essa é uma prática que tem potencial de trazer diversidade e ocupação democrática às arquibancadas – se isso vai acontecer ou não depende de fatores diversos que, inclusive, vão de encontro às torcidas organizadas.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/reuters/2020/06/17/campeonato-ingles-recomeca-com-forte-mensagem-antirracismo.htm>>. Acesso em 10 ago. 2021.

---

Compreender essa práxis emergente é relevante, saber como comunicar a importância da democratização do esporte como agente cultural é necessário e levar essa lógica que contesta as normas às outras camadas de organização do futebol é fundamental para a preservação e avanço dos clubes dos mais diversos contextos.

## 5. REFERÊNCIAS

- DAMATTA, Roberto et al. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- ECO, Umberto. **O Fascismo Eterno**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 13ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. 149p.
- MALDONADO, Alberto Efendy. **Transmetodologia, cidadania comunicativa e transformação tecnocultural**. Intexto, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n.34, p. 713-727, set./dez. 2015.
- PAXTON, Robert O. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; NUNES, João Arriscado; MENESES, Maria Paula. **Para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo**, in Santos, Boaventura de Sousa (org.), *Semear outras soluções. Os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais*. Porto: Edições Afrontamento, 2004.